

USOS SOCIAIS DA ESCRITA DO HUNSRIQUEANO NO SUL DO BRASIL

SOCIAL USES OF HUNSRÜCKISCH WRITING IN SOUTHERN BRAZIL

Fernanda Von Mühlen 1
Dorotea Frank Kersch 2

Resumo: Um dos fatores responsáveis pela vitalidade de uma língua é a possibilidade de ela abrir-se a novos âmbitos e meios de circulação. Este estudo resgata textos escritos em hunsriqueano com o objetivo de, primeiramente, reconhecer a existência de escrita nessa língua, visto que ela é majoritariamente oral, e, em seguida, identificar as estratégias utilizadas pelos falantes que escrevem nessa língua, verificando se e como elas se relacionam a uma das propostas de ortografia existentes para o hunsriqueano brasileiro desenvolvidas por Altenhofen et al. (2007) e Wiesemann (2008). Os resultados da pesquisa apontam que há uma pequena tradição escrita do hunsriqueano, muito rica e variada. Também se identificaram estratégias diversas de escrita, algumas se relacionando com a língua de origem, a língua alemã, outras, com a língua oficial do Brasil, a língua portuguesa e outras, respeitando um ou outro sistema de escrita padronizado.

Palavras-chave: Usos Sociais. Hunsriqueano. Escrita. Ortografia. Vitalidade Linguística.

Abstract: One of the factors responsible for the vitality of a language is the possibility of it opening up to new areas and ways of circulation. This study retrieves texts written in Hunsrückisch with the objective of firstly recognizing the existence of writing in that language, since it is mostly oral, and then identifying the strategies used by speakers who write in that language, checking if and how are related to one of the existing spelling proposals for the Brazilian Hunsrückisch developed by Altenhofen et al. (2007) and Wiesemann (2008). The research results show that there is a small written tradition of the Hunsrückisch, very rich and varied. Different writing strategies were also identified, some relating to the source language, the German language, others relating to the official language of Brazil, the Portuguese language and others, respecting one or another standardized writing system.

Keywords: Social Uses. Hunsrückisch. Writing. Orthography. Language Vitality.

Professora da rede municipal de Ivoti/RS. Mestra em Linguística 1
Aplicada pela Unisinos. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em
Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://lattes.cnpq.br/8485912054043106>. <https://orcid.org/0000-0003-4956-2349> E-mail:
fernandavonmuhlen@yahoo.com.br

Professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em 2
Linguística Aplicada da Unisinos. Doutora em Filologia Românica pela Christian
Albrechts Universität zu Kiel, Alemanha.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4951080302973564>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9335-4646>.
E-mail: doroteafk@unisinos.br

Introdução

Segundo a UNESCO¹, um dos fatores responsáveis pela vitalidade de uma língua é a possibilidade de ela abrir-se a novos âmbitos e meios de circulação. Nesse sentido, enquanto uma determinada língua minoritária não tiver reconhecida sua modalidade escrita, em função da crescente urbanização, reduzem-se as chances de ela sobreviver a médio ou longo prazos.

O Brasil é um país multilíngue. No caso específico do Rio Grande do Sul, duas de suas fronteiras são com países de fala hispana - o Uruguai ao Sul e a Argentina a Oeste. No interior de seu território, além da língua brasileira de sinais e de línguas indígenas, temos a presença de vários grupos de imigrantes (ou de seus descendentes) - italianos, japoneses, poloneses, alemães, árabes, entre outros - muitos dos quais ainda têm como materna uma língua que não é o português.

No caso do presente trabalho, damos destaque a uma dessas línguas de imigração de origem alemã, amplamente difundida principalmente no sul do Brasil: o hunsriqueano. Neste artigo, vamos analisar a produção escrita em hunsriqueano em três suportes: livro, jornal e internet e verificar as estratégias dos falantes para a escrita, uma vez que não haja uma normatização para a escrita dessa língua, ainda que existam duas propostas para tal, como veremos ao longo deste artigo.

O texto se acha dividido em seis partes. Depois desta introdução, trazemos a teoria que sustenta nosso estudo: começamos situando o hunsriqueano brasileiro e as pressões que são exercidas sobre seus falantes para usá-lo ou não nas situações da vida social para, em seguida, falar das funções da escrita. Depois, na metodologia, descrevemos a forma como nosso estudo foi desenvolvido. Na sequência, analisamos e discutimos dados de textos escritos em hunsriqueano, atentando para as estratégias que os falantes usam para escrever e verificando, em que medida, essas estratégias se aproximam das duas propostas para a escrita dessa língua, a de Altenhofen et al. (2007) e a de Wiesemann (2008). Depois, nas considerações finais, damos destaque aos principais resultados e às limitações do estudo.

O hunsriqueano brasileiro e as pressões sobre seus falantes

A língua oficial brasileira é o português. Porém, diversas outras línguas são faladas em nosso país: línguas indígenas, de sinais e de imigração. De acordo com Maher (2013), mais de 222 línguas são faladas como línguas maternas no Brasil. Conforme a autora, “Dessas línguas, pelo menos 180 são línguas indígenas, cerca de 40 são línguas de imigração, e duas são línguas de sinais” (MAHER, 2013, p. 117).

O *Hunsrückisch* ou hunsriqueano é uma língua de imigração de origem alemã trazida ao Brasil no século XIX, a partir de 1824. Essa língua é proveniente de imigrantes da região do *Hunsrück*, localizada no estado de *Rheinland-Pfalz* (Renânia-Palatinado), na região oeste da Alemanha. De acordo com Prade (2003, p. 84, grifo nosso), “mais da metade dos imigrantes alemães vindouros [...] era proveniente da região montanhosa do *Hunsrück* (entre os rios Reno, Meno e Nahe)”.

O hunsriqueano é considerado uma variedade alóctone, por não ser original do país em que é falado. Essa variedade, que está, pois, no Brasil há quase duzentos anos, ainda pode ser ouvida em várias comunidades de fala, sendo utilizada por descendentes dos imigrantes alemães. Há, atualmente, conforme os estudos de Altenhofen et al. (2018), em torno de 1.200.000 falantes de hunsriqueano no nosso país. Essa língua está presente principalmente nos estados do Rio Grande do Sul (RS), de Santa Catarina (SC) e do Espírito Santo (ES).

Essa variedade é chamada de diferentes formas pelos falantes da língua, nas comunidades de fala. Ela foi denominada de *Hunsrückisch* por Altenhofen (1996) e é o termo mais utilizado em estudos científicos para nomeá-la. Ela também pode ser conhecida como *Hunsrickisch*, *Hunsrücker Platt*, *Hunsrik*, entre outras denominações. Neste estudo, optamos por usar hunsriqueano, versão aportuguesada, para facilitar a leitura de quem não compreende/fala a língua alemã e a fim de tentar manter certa neutralidade para analisar as propostas ortográficas para tal. De acordo com Habel (2017), os falantes ainda chamam sua língua materna de *Deutsch*, *Dialekt* e *Platt*. Contudo, alguns deles fazem uso de formas depreciativas para nomear sua língua, como *alemão misturado* ou *errado*. Essas designações mostram que, infelizmente, existem falantes que acreditam que sua

¹ Disponível em: <http://www.unesco.org/new/es/culture/themes/endangered-languages/language-vitality/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

língua tem menos valor que a língua padrão.

Essa língua é majoritariamente oral, não havendo práticas sistematizadas de registro escrito da mesma. Segundo Altenhofen et al. (2007), os falantes de hunsriqueano que chegaram ao Brasil nas primeiras décadas do século XIX até o final da década de 1930 (quando houve, no Brasil, proibição do uso das línguas estrangeiras - entre elas, a alemã, pelo governo de Getúlio Vargas), utilizavam sua língua materna na oralidade e a língua alemã ou a língua portuguesa (a partir da década de 1940) - variedades oficiais e de prestígio - na escrita. Essa situação linguística com uso alternado de duas línguas ou registros diferentes para diferentes usos ou contextos é o que os autores como Altenhofen et al. (2007) chamam de diglossia. Mesmo que o hunsriqueano seja predominantemente oral, os autores reconhecem a existência de alguns textos escritos na sociedade, identificando uma pequena tradição escrita dessa língua:

Apesar dessa tendência geral, é possível identificar um conjunto de textos em Hunsrückisch que permitem ao menos falar de uma 'pequena' tradição escrita nessa variedade. É verdade que o teor desses textos atende a um apelo fortemente humorístico sobre um fundo metarreferencial que busca documentar e cultivar um modo de expressão familiar e de cunho identitário (ALTENHOFEN et al., 2007, p. 74).

Conforme Neumann (2018), para que se elabore uma escrita para o hunsriqueano, alguns aspectos devem ser levados em conta, como a variação interna da língua, o objetivo da escrita, o vínculo histórico e a referência de sistema de escrita para desenvolver a sua ortografia. De acordo com o autor, deve-se levar em conta

[...] a variação interna do próprio Hunsrückisch (por exemplo, qual variante deve-se adotar?), a natureza e a finalidade da escrita enquanto convenção social (para que se quer tal escrita e para que serve uma escrita?), a vinculação histórica do dialeto (de onde provém o dialeto que falamos?) e o sistema de referência para a sua ortografia (de qual sistema de escrita partir, se do alemão ou do português?) (NEUMANN, 2018, p. 13).

Portanto, há uma pequena mas importante tradição escrita do hunsriqueano, em que são usadas escritas diferentes para representar a língua, não havendo entre elas unidade, norma ou padrão oficializado. As estratégias dos falantes ao escrever o hunsriqueano são interessantes e decorrem das suas escolhas, que, por sua vez, são determinadas pelas suas percepções, experiências e conhecimentos em relação às línguas.

Partindo do pressuposto de que o Brasil é um país multilíngue, entende-se que existem muitas situações em que os falantes (bi- ou multilíngues, em sua maioria) se sintam pressionados a fazer escolhas sobre o uso de línguas em diferentes contextos. Que língua falar na família, usar na igreja, ensinar na escola, falar com amigos, escrever? Existem fatores que podem ser apontados pelos falantes como favoráveis ou desfavoráveis ao uso de uma língua materna local, não oficial, em algumas situações de comunicação. Esses fatores, chamados de pressões, podem influenciar na manutenção e na vitalidade de uma língua minoritária (TERBORG, 2006; TERBORG; GARCÍA LANDA, 2010, 2011).

Pressão é, de acordo com Terborg e García Landa (2010), um aspecto que conduz à ação. Dessa forma, as ações humanas ocorrem em decorrência de pressões que atuam sobre o indivíduo. Esses aspectos levam-no a fazer escolhas e tomar decisões relacionadas à sua língua, motivadas ainda por seu interesse ou necessidade. O conceito de pressão está relacionado a vários fatores, conforme Terborg (2006): as relações de poder, as ideologias, os valores, as ações humanas e as atitudes.

Um modelo chamado “ecologia de pressões” foi desenvolvido por Terborg (2006) para identificar as várias pressões que coexistem no contexto dos falantes. As pressões, segundo o autor, são dinâmicas, se modificam e podem se contradizer, sendo, assim, pressões em conflito. Em outras situações, elas podem existir sem se afetar ou excluir. Em geral, o grau de isolamento que uma língua tem em relação às outras pode determinar a menor pressão pelo uso das línguas oficiais.

O valor ou prestígio dos falantes pode influenciar no valor que é dado à sua língua socialmente. Conforme Gnerre (1994, p. 6-7), “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”. Ou seja, a língua carrega valores e é determinada por ideologias.

Segundo Terborg e García Landa (2010), o valor e o prestígio dados a uma língua e aos seus falantes concede a eles poder. Esse poder, por sua vez, permite que o falante da língua de prestígio imponha os seus interesses e desejos ao falante da língua sem prestígio, controlando-o. Nessa relação desequilibrada e conflituosa, surge o poder: “O poder surge em uma relação conflitiva entre pressões que se contradizem. É o caso, quando o estado atual do mundo é favorável para algumas pessoas e, ao mesmo tempo, é desfavorável para outras” (TERBORG; GARCÍA LANDA, 2010, p. 169, tradução nossa)².

Dessa forma, em muitas situações, as pressões levam a escolhas que deixam algumas línguas, sobretudo as línguas sem prestígio ou não oficiais, em desvantagem, pois elas resultam no aumento de situações de comunicação em que as línguas majoritárias, que têm mais poder, são utilizadas. Assim, as línguas minoritárias acabam perdendo espaço e possibilidades de usos sociais. Aqui reside a importância de as línguas minoritárias terem a sua modalidade escrita.

Conscientes dessas pressões e preocupados com a morte das línguas minoritárias, diferentes atores sociais, falantes dessas línguas e/ou estudiosos, vêm executando ações em prol das mesmas. Essas ações de valorização das línguas, dentre elas as de imigração, vão desde a publicação de textos orais e escritos em redes sociais até a proposição de escrita oficial para a língua, a criação de um Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INLD) e a elaboração de leis de cooficialização de línguas em alguns municípios em que há grande presença e uso de línguas locais.

Considerando esses aspectos, por que o hunsriqueano precisa de escrita?

As funções sociais da escrita

A escrita é muito difundida nas sociedades ocidental e oriental, sendo utilizada amplamente para fazer registros de todas as naturezas - política, literária, científica, entre outros aspectos do cotidiano. Muitas vezes, as pessoas naturalizam a escrita, acreditando que ela sempre existiu, não refletindo sobre a sua história e sobre o seu valor.

A escrita é, conforme Gnerre (1994), um sistema gráfico que é usado para comunicar informações em contextos não presenciais físicos, em que a mensagem do emissor é recebida pelo receptor através do sentido da visão. De acordo com Haugen (2001), a escrita, diferente da fala, é difundida através da mão e dos olhos, permitindo que a comunicação ocorra tardiamente. Por isso, segundo o autor, o registro escrito é de grande importância em sociedades complexas, letradas. Aqui residiria, na nossa opinião, a importância da modalidade escrita para as línguas minoritárias.

As culturas que não desenvolveram a escrita estão em desvantagem em relação às outras culturas, segundo Garcez e Viegas (2013), por não terem a possibilidade de usufruir de grande parte dos progressos atuais da humanidade que estão registrados através da escrita ou precisam dela para que sejam usados. Assim, a escrituralidade pode ter grande influência no prestígio ou não de uma língua, pois as possibilidades de uso da língua sem escrita ficam mais restritas.

De acordo com Gnerre (1994), para que uma variedade seja de prestígio, ela precisa desenvolver escrita, a qual deve ser utilizada para divulgar aspectos políticos e culturais dos seus falantes. Também Bagno (2017) afirma que a fala é menos valorizada na sociedade do que a escrita, sendo a escrita um componente importante para que um grupo social seja formado. Para ele, “As sociedades ocidentais tradicionais (europeias) e as que se desenvolveram sob seu influxo, por causa do colonialismo moderno, são intrinsecamente *grafocêntricas*, isto é, têm na escrita um de seus

2 “El poder surge en una relación conflictiva entre presiones que se contradicen. Es el caso cuando el estado actual del mundo es favorable para algunas personas y, al mismo tiempo, es desfavorable para otras”.

pilares ideológicos, culturais e políticos” (BAGNO, 2017, p. 118, grifo do autor).

É possível identificar diferentes histórias e culturas de escrita no mundo. Conforme Marinho (2010), parte delas é baseada no sistema alfabético, empregando a letra como recurso de escrita. Outras culturas utilizam o sistema de escrita não alfabético, se apoiando em outros recursos gráficos, como desenhos, símbolos e ideogramas. Segundo Gnerre (2004), social e historicamente, tem-se conferido grande valor à escrita alfabética, julgando-a superior, moderna.

O acesso à cultura escrita vem, nos últimos anos, se tornando um aspecto muito relevante no Brasil (GARCEZ; VIEGAS, 2013). Objetiva-se que todos os cidadãos tenham acesso à forma escrita da língua oficial. Até mesmo em comunidades indígenas, tradicionalmente orais, a escrita de sua língua vem sendo desenvolvida. Porém, a maior parte dos falantes não reconhece possibilidades de usos sociais cotidianos da escrita; portanto, ela acaba não sendo usada efetivamente.

As comunidades de falantes de línguas minoritárias, como as línguas indígenas ou de imigração, para garantir a sobrevivência de sua língua, sentem a necessidade ou a pressão de desenvolver um sistema de escrita para ela. Segundo Altenhofen et al. (2018), a escrita de uma língua pode contribuir positivamente para sua preservação, como é possível perceber na língua inglesa, por exemplo, que é uma das grandes potências linguísticas faladas em nível de mundo. O registro escrito permite ainda que uma língua seja estudada ou lida, mesmo se ela não for mais falada nas sociedades, como no caso do latim.

Para que uma língua tenha prestígio e possa alcançar um *status* de oficialidade, conforme Haugen (2001), a escrita é fundamental. Dessa forma, para que uma língua falada localmente se torne, por exemplo, cooficial, há a necessidade de se construir princípios e normas para que se possa desenvolver um sistema de escrita para a língua. De acordo com Bagno (2017, p. 118, grifo do autor), “[...] não existe língua oficial sem *escrita oficial* [...]”.

A escrita também tem o fim de difundir a cultura de seus falantes, podendo propiciar um resgate étnico dos falantes, valorizando, assim, sua identidade como falante de uma língua que tem história. De acordo com Gnerre (1994), o conteúdo da escrita de uma língua deve ser contextualizado e relacionado aos falantes, seus costumes e seu cotidiano. Segundo o autor, espera-se que a escrita de uma língua “[...] não tenha como finalidade ‘traduzir’ conteúdos já expressos em línguas ‘de cultura’ e definir uma variedade escrita da língua, apta para expressar aquelas informações fragmentárias e descontextualizadas [...]” (GNERRE, 2001, p. 105-106).

Quando é identificada a necessidade de se criar uma escrita para uma língua oral, surgem conflitos ideológicos em relação à forma dessa escrita, a qual pode ser padronizada ou de ortografias mistas. Segundo Garcez e Viegas (2013), é possível que mais de uma maneira de escrever uma mesma língua sejam aceitas, de forma que convivam em harmonia. Isso é nomeado de flutuação gráfica. Para os autores, aceitar diferentes formas de registro de uma mesma língua pode ser positivo, pois poder contar com uma diversidade de olhares e registros demonstra a riqueza cultural dos seus falantes.

Porém, uma escrita padronizada também pode trazer vantagens para a língua e para seus falantes. Em consonância com Neumann (2018), a existência de uma norma padrão favorece a uniformidade da escrita da variedade, facilitando seu ensino escolar.

Em conformidade com Haugen (2001), é importante que se tenham certos cuidados na escolha de uma norma ortográfica para uma língua, porque ela precisa ser aceita e adotada pelos falantes, caso contrário, essa escrita não terá avanços. É importante que se conheça a história de cada língua e que se identifique e respeite o desejo ou não dos falantes de desenvolver e usar o registro escrito da sua língua. Da mesma forma, é fundamental que se respeite a escolha dos falantes por usar a escrita alfabética ou não alfabética e de usar a ortografia padrão ou flutuante.

Existem duas propostas de ortografia desenvolvidas no sul do Brasil para o hunsriqueano falado no país. Ambas visam a criar *corpus*³ para a língua, de modo que a língua possa ser não somente falada mas também escrita socialmente. Dessa forma, seria possível ampliar as situações de uso da língua, o que pode influenciar na mudança do seu *status*⁴ entre falantes de hunsriqueano e a população em geral.

A primeira proposta de ortografia foi publicada em 2007. Ela foi desenvolvida por Cléo

3 Termo cunhado por Fishman (1972).

4 Termo cunhado por Fishman (1972).

Vilson Altenhofen, germanista, pesquisador e professor da UFRGS, e seu grupo de pesquisa, com o objetivo de criar um padrão para registrar e transliterar os dados orais de uma pesquisa realizada pelo grupo para identificar a presença de falantes de hunsriqueano na América Latina. Para desenvolver um sistema de escrita padronizado e desenvolver a proposta, foi criado um grupo de estudos para discutir sobre a ortografia e a escrita, chamado ESCRITHU (Sistema de Escrita do Hunsrückisch). O Escrithu utiliza o alemão padrão como base para a escrita do hunsriqueano e reconhece os registros escritos já existentes para essa língua. O grupo realiza, portanto, uma escrita com princípio ideográfico.

A segunda proposta foi publicada no ano seguinte, em 2008, no interior do estado do RS, por meio do trabalho realizado pela linguista alemã Ursula Wiesemann. Após, por muitos anos pesquisando línguas indígenas e outras línguas ágrafas, analisando sua fonologia e gramática, desenvolveu um sistema de escrita para elas. Para desenvolver a escrita do hunsriqueano - que ela denomina Hunsrik - ela se instalou em Santa Maria do Herval, um município em que a maior parte da população ainda fala sua língua alemã materna, e contou com a colaboração de falantes de hunsriqueano para gravar suas pronúncias, a partir de uma lista de palavras, e assim desenvolver a escrita. A escrita do hunsriqueano proposta por Wiesemann tem o português como base e os fonemas da língua falada. Essa escrita segue um padrão ortográfico desenvolvido pela SIL Internacional⁵, sendo, dessa maneira, uma escrita de princípio fonológico.

Percebe-se que cada proposta de sistema de escrita tem sua história e apresenta ideologias, características e interesses distintos. Ao mesmo tempo, alguns elementos podem aproximar as duas propostas ortográficas. Esses aspectos serão aprofundados ao longo deste estudo.

Metodologia

Este estudo é qualitativo e a estratégia de investigação é o estudo de caso. Trata-se do caso da língua de imigração hunsriqueano, procurando identificar os suportes usados para a divulgação da escrita e relacionando essas produções às propostas de escrita desenvolvidas no RS - de Altenhofen e de Wiesemann - para o hunsriqueano falado no Brasil.

Nossa pesquisa, que integra um projeto maior, se concentra no coração da Rota Romântica.

Figura 1. XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX



Fonte: <https://www.rotaromantica.com.br/pt/mapa>

5 A SIL Internacional (Sommer Institut of Linguistics ou Sociedade Internacional de Linguística) surgiu em 1934. Ela é uma organização científica que trabalha com a criação de ortografia, de literatura e de educação para comunidades de línguas minoritárias ágrafas. Ela apresenta fins cristãos de traduzir a bíblia para essas línguas. Os dados linguísticos são disponibilizados no site Ethnologue.com. Esta organização é consultora da UNESCO.

Essa região marcada no mapa, concentra cidades pequenas, de menos de 30.000 habitantes, que, apesar de serem urbanizadas, guardam muitos aspectos da vida rural, e as duas línguas - português e hunsriqueano - convivem harmoniosamente. Esses hábitos rurais, como todos praticamente se conhecerem entre si, os casamentos se realizarem entre as pessoas da região, provavelmente contribuíram para forte presença do hunsriqueano na oralidade (inclusive de, na nossa prática docente, ainda recebermos alunos bilíngues português-hunsriqueano).

Nessa região, para a análise documental de textos em e sobre hunsriqueano, realizou-se pesquisa em jornais locais e sobre a produção em livros. Buscou-se também grupos nas mídias sociais (*Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*), uma vez que esse espaço é usado, muitas vezes, para reencontrar pessoas com as quais se perdeu contato ou para fazer ativismo político e social. Além disso, realizamos entrevistas com 14 pessoas da região, cujos dados, em função da extensão do artigo, não serão considerados aqui.

Resultados e Discussão

Ao longo dos quase duzentos anos de presença da língua hunsriqueana no Brasil, seu uso, pelos falantes, foi principalmente oral, nas interações familiares e comunitárias. Aos poucos, foram surgindo, porém, iniciativas de alguns falantes que perceberam possibilidades na escrita da sua língua materna e reconheceram as vantagens de ter uma escrita para sua língua. Em função dessas escritas diversas, e da necessidade de garantir a vitalidade da língua, surgiram propostas de padronização. Porém, grande parte dos falantes não têm conhecimento das propostas existentes, quiçá das propostas ortográficas. Começamos analisando alguns registros em hunsriqueano, procurando delimitar as esferas em que essa escrita acontece.

Registros escritos em hunsriqueano

Os registros escritos em hunsriqueano encontrados no Brasil surgiram a partir de iniciativas individuais de falantes da variedade do interior do estado do RS. Encontram-se textos em jornais de circulação local de diferentes comunidades linguísticas, em que textos eram publicados com frequência semanal, em sua maior parte. Há também livros publicados a fim de registrar pesquisas. A maior parte dos textos em hunsriqueano narra fatos da história da comunidade, os primeiros tempos dos imigrantes alemães no sul do Brasil, e apresenta poemas ou anedotas.

Boa parte dos autores dos textos escritos em hunsriqueano não tinha grande preocupação com a grafia da língua. Em geral, eles procuravam escrever de uma forma semelhante a sua fala. Uma parte dos escritores tentava encontrar, de modo intuitivo, uma escrita que ficava entre a escrita etimológica (que se propõe a tentar representar uma escrita semelhante à língua de origem) e a escrita fonológica (que se propõe a tentar representar a pronúncia da língua). Assim, eles utilizavam alguns elementos que se aproximavam da língua alemã padrão e outros semelhantes à língua portuguesa brasileira.

Atualmente, o hunsriqueano também pode ser encontrado na internet. Há textos em sites e blogs sobre e na língua, vídeos com falantes de hunsriqueano nas redes sociais e grupos abertos em que é possível ter contato com outros falantes, trocar informações e praticar a língua.

Segundo Neumann (2018), as escritas em hunsriqueano existentes no Brasil são resultado de iniciativas isoladas que ocorreram ao longo do tempo, mas que vêm sendo mais divulgadas nos últimos anos, devido ao acesso mais facilitado às tecnologias digitais. O acesso, a produção e a divulgação de informações em hunsriqueano se dão atualmente, de acordo com o autor, tanto na zona urbana quanto na rural.

É possível, pois, classificar o *corpus* de escrita em hunsriqueano em três formas de publicação (ou suportes): em jornal, em livro e na internet. Em seguida, serão apresentados materiais publicados em hunsriqueano no RS. Cada registro é realizado de acordo com as escolhas linguísticas dos autores, baseadas nas suas intuições, já que não existe uma ortografia padronizada (embora haja as duas propostas que mencionamos anteriormente).

Ao longo das últimas décadas, alguns jornais do RS apresentaram colunas escritas em hunsriqueano, principalmente aqueles que tinham circulação em regiões de colonização alemã, em que uma parte considerável da população falava ou pelo menos compreendia a variedade de alemão local.

Um dos jornais que publicava em hunsriqueano é o Diário da Encosta da Serra, que tem sede no município de Ivoti/RS. Ele é distribuído também nos municípios das redondezas, sendo uma região em que a língua alemã local ainda está muito presente. O jornal, fundado em 1992, teve, ao longo da sua história, diferentes colaboradores voluntários para a escrita em hunsriqueano. Cada colaborador, partindo de suas crenças e experiências com a língua, escrevia em hunsriqueano com frequência, no mínimo, mensal.

Desde as primeiras edições do jornal, este tinha uma sessão chamada de Lieve Lait (Lieve Laid ou Liewe Lait), que significa “pessoas queridas” e é uma forma de chamar a atenção dos leitores. Essa seção, escrita pela moradora da localidade e pesquisadora Herta Sporket Patro, tinha como finalidade propor aos leitores a reflexão sobre temas do cotidiano da comunidade local. Ainda foram escritos textos com histórias antigas e sobre os primeiros tempos dos imigrantes, assim como poesias e textos de humor.

A autora escreveu textos para o jornal de 1993 a 2000. Sua escrita tinha por base a escrita da língua alemã padrão. Quando alguma escolha linguística da autora não existia no léxico do hunsriqueano, ela germanizava o termo ou escrevia tal qual é na língua padrão. Herta Patro, que tinha conhecimento da variedade padrão, mas falava o alemão local, acreditava que falantes de ambas as variedades poderiam se comunicar com sucesso. Em uma das colunas, ela escreveu: “Mir spreche Plattdaitsch un die Annere spreche Hochdaitsch, awer mir dun uns nanner verstehe” (PATRO, 1993, p. 13).

Depois de 2000, o jornal ficou cerca de 11 anos sem a coluna em hunsriqueano. Pronila Krug, professora aposentada, passou a escrever textos com temáticas cotidianas, comparando passado com presente, abordando assuntos da comunidade local. Um exemplo é o excerto a seguir, em que a autora se admira com a quantidade de pessoas que vieram para uma festa do município, a festa da rosca e do mel: “Wifill Lhait whore do khom uf das rosqui un honich fest” (KRUG, 2011, p. 15).

Ela escreveu para o jornal por cerca de 3 anos. De acordo com a própria autora quando a entrevistamos, ela buscava registrar suas ideias do modo como falava. A autora escrevia o texto em hunsriqueano e, abaixo, traduzia-o para a língua portuguesa, com o objetivo de que os leitores do jornal que não compreendessem a língua local conseguissem compreender. Pronila Krug desconhecia ou não se baseava em outros textos escritos em hunsriqueano. Além disso, não tinha grande conhecimento da variedade padrão do alemão.

Entre 2014 até 2017, as publicações em alemão local na coluna do jornal Diário da Encosta da Serra passaram a ser de responsabilidade do projeto Hunsrik, de Santa Maria do Herval/RS. Esse projeto também se preocupava em propor o ensino de hunsriqueano nos municípios da região. A escrita dos textos foi realizada pelas falantes da variedade, Solange Hamester Johann e Mabes Dewes, professoras de língua inglesa e portuguesa, respectivamente, participantes do projeto. Ambas não falam ou leem a língua alemã padrão, e a escrita, como dissemos antes, tinha o português como base.

Os temas dos textos publicados pelo projeto Hunsrik se relacionavam, em geral, às datas comemorativas e temáticas de cunho religioso. A coluna passou a ocupar um espaço maior no jornal e a ser publicada em dois formatos: Hunsriker, para o público adulto, em uma semana; Hunsrikinhos, para o público infantil, na semana seguinte. Os textos publicados no jornal eram bilíngues, hunsriqueano e português. Em 2017, a parceria entre o jornal e o projeto acabou, não havendo novas publicações em hunsriqueano desde então.

A escrita desses textos era mais distante na língua alemã, usando a ortografia desenvolvida por Ursula Wiesemann. Em um dos títulos de piadas publicadas pelas autoras, elas escrevem “Remëëtio fer se xloofe” (JOHANN, DEWES, 2014, p. 14). É possível identificar que o fonema [f] é representado pela letra f, conforme a língua portuguesa. O mesmo se dá com o fonema [ʃ], que é representado por x. Apesar disso, há uma representação que não se assemelha aos usos da língua portuguesa assim como também não se relacionada com a variedade alemã padrão. A letra è é utilizada para representar o fonema [ɛ]. Em português, em geral, seria utilizada a letra ‘é’ na escrita;

já em língua alemã padrão, seria utilizado 'ä'.

Como se pode identificar, cada autora de textos em hunsriqueano escreveu à sua maneira, utilizando regras próprias, que foram criadas a partir de suas experiências prévias com a língua. Isso se refere ao fato de já ter lido antes ou não textos em hunsriqueano (o que poderia ser uma referência para sua escrita), de ter ou não conhecimento da língua alemã padrão e de conhecer ou não um padrão ortográfico para a escrita da sua língua materna. Assim, algumas das escritas identificadas possuem mais traços da língua alemã e outras, da língua portuguesa. É interessante mencionar que essas iniciativas de escrita são voluntárias e não remuneradas.

É interessante mencionar que todos os autores de textos em jornal encontrados na região são mulheres, protagonistas de um movimento de manutenção da sua língua materna. Outro aspecto relevante é o fato de a escrita estar, de alguma forma, próxima de todas as escritoras, devido ao trabalho delas que desempenham na sociedade. Herta Sporket Patro foi, por vários anos, dona de uma livraria; Pronila Krug, Solange Hamester Johann e Mabel Dewes foram e são professoras. Essa intimidade com a escrita pode ter sido um fator que as levou a escrever em hunsriqueano.

A partir dessas amostras de texto em jornal, é possível inferir que muitos falantes de hunsriqueano ainda não tiveram acesso a esses registros escritos em sua língua materna, por serem de circulação mais local. Assim, muitos deles não foram levados a refletir sobre a possibilidade, a necessidade e a utilidade da escrita em sua língua materna. A edição e a publicação de textos que anteriormente foram impressos em jornal, agora em formato de livro, como veremos adiante, foi uma estratégia de apresentar a mais leitores, de diferentes locais do estado e do país, as memórias da comunidade escritas em alemão local, até porque o jornal é mais efêmero. Refletiremos sobre alguns registros, a seguir.

Textos publicados em Livro

Para proporcionar mais visibilidade aos textos produzidos no jornal local de Feliz/RS, outro município com forte ascendência germânica, alguns deles foram editados e publicados em formato de livro. Um exemplo são os textos de Maria Noêmia Assmann, que foram publicados em duas edições, 2010 e 2013, com o objetivo de resgatar e preservar a língua materna da autora, o hunsriqueano. Segundo a autora, "De Hunsrik, main Muddaschprooch, reskatiire is n'Flicht" (ASSMANN; THOMAS, 2010, p. 16). O jornal "Primeira Hora", para o qual a autora escrevia, tem circulação em vários municípios da região do Vale do Caí, dentre eles Linha Nova, que faz parte da Rota Romântica.

Thomas, o segundo autor deste livro bilíngue hunsriqueano/português, foi o responsável por editar os textos, de modo que a escrita ficasse padronizada ortograficamente, e traduzir os textos para a língua portuguesa. Algumas escolhas dos autores aproximam a escrita da língua alemã padrão, como o uso de letra maiúscula em substantivos ou as letras sch para representar o som [ʃ]. Outros aspectos aproximam a escrita à língua portuguesa, como o uso das letras aj em "main" para representar o som, ao invés de ej, como seria na escrita alemã padrão. Esses livros foram financiados pelos autores e são vendidos por eles.

Alguns livros foram desenvolvidos pelo projeto Hunsrik, organizados pelas professoras Solange Hamester Johann e Mabel Dewes. São traduções de textos como contos dos irmãos Grimm, livro do Pequeno Príncipe e textos bíblicos para o hunsriqueano. Um deles foi resultado de uma formação pedagógica realizada com professoras de educação infantil da rede municipal de Santa Maria do Herval/RS, com o intuito de estimular as educadoras a utilizarem o hunsriqueano e os textos produzidos (traduções de clássicos da literatura infantil) nas escolas.

O livro, intitulado "Mayn Liipste Kexichtcher", que traduzido seria "Minhas histórias preferidas", foi publicado em 2016 e utiliza as regras do sistema de escrita desenvolvido por Ursula Wiesemann, em 2008. Como se percebe no título, a escrita não apresenta semelhança com a escrita do alemão padrão. Ela se propõe a se basear na fala do hunsriqueano, utilizando regras da língua portuguesa. Assim, para representar o som [ʃ], utiliza-se a letra x. Utiliza-se, entretanto, a letra y com frequência, o que não é muito comum no português brasileiro. Esse material foi patrocinado por empresas locais e distribuído gratuitamente entre as autoras e as escolas da região.

Em 2017, foi publicado um livro com o resultado do I Concurso Literário de Poemas e Contos do Hunsrückisch. Foram publicados textos inéditos de 17 autores, todos falantes de hunsriqueano. Esse livro é uma ação que faz parte da proposta do Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrl). Os temas abordados pelos textos são histórias engraçadas e lembranças dos autores. A escrita dos textos é baseada nas regras da língua alemã, considerada língua de matriz.

Muitos dos autores desses textos conhecem a proposta de ortografia do Escrithu, desenvolvida por Altenhofen et al. (2007) e se apoiaram nela para produzir seus textos em prosa e verso. Em um dos textos do livro, Ovídio Hillebrand, de Nova Petrópolis/RS, escritor de textos semanais em hunsriqueano para um jornal local, escreve “Wie die Kerich im Tannenwald gebaut gebb is” (HILLEBRAND, 2018, p. 85), contando sobre a construção de uma igreja na comunidade em que vive. Percebe-se semelhanças entre essa escrita e a variedade padrão. Esse livro foi produzido com apoio do IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento de Políticas Linguísticas, do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), sendo distribuído gratuitamente entre falantes e encaminhado para as escolas da região durante o III Encontro de falantes de Hunsrückisch, que ocorreu de 12 a 13 de outubro de 2018, em Nova Petrópolis/RS.

Esses registros escritos em formato de livro mostram que existe uma rica produção escrita em hunsriqueano. Como se reconhece, em algumas comunidades do interior do RS de ascendência alemã existem líderes culturais que registram a cultura local por meio da escrita em hunsriqueano. Há também iniciativas de grupos que se preocupam em propor um sistema de escrita padronizado.

Contudo, também estes e outros materiais escritos em formato de livro - apesar de terem uma circulação maior - nem sempre chegam a um grande número de falantes de hunsriqueano, de modo que muitos ainda não reconhecem e valorizam a escrita em sua língua materna. Atualmente, com o surgimento de tecnologias mais avançadas, há a possibilidade de a escrita e a reflexão sobre ela chegar a mais falantes, o que será apresentado na sequência.

Textos publicados na Internet

Encontram-se na internet textos bastante ricos em e sobre o hunsriqueano. É possível encontrar, em sites de jornais, notícias sobre as ações de manutenção da língua local. Eles abordam, em geral, aspectos das duas iniciativas de maior impacto para a valorização do hunsriqueano: um grupo que se dedica ao ensino escolar e à escrita e publicação de livros infantis (Projeto Hunsrik⁶), e outro que se dedica a identificar as comunidades falantes dessa variedade de alemão local para produzir seu inventário (Projeto ALMA-H, da UFRGS⁷). Também o site do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL⁸) publica textos sobre as políticas linguísticas brasileiras, dentre elas as ações relacionadas ao hunsriqueano.

Há blogs em que aparecem iniciativas individuais de falantes de refletir sobre a escrita do hunsriqueano, publicando textos na língua, chamada por eles de Hunsrikisch ou Riograndenser Hunsrikisch. Além disso, o aplicativo Memrise, por meio do qual se podem aprender diversos idiomas, foi utilizado para propor gratuitamente um “Curso de Hunsrik”. Ele foi desenvolvido com base na escrita desenvolvida por Ursula Wiesemann, que nomeou a variedade de Hunsrik. Essa escrita também aparece na proposta do Projeto Hunsrik-Platt Taytx⁹, que propõe escrita em jornal, produção de livros e ensino escolar da variedade.

Também se podem encontrar vídeos no *YouTube* em que hunsriqueanos falam sua língua ou interagem com seus pares, outros relacionados ao inventário e à proposta de ensino¹⁰. Há vídeos produzidos por programas de televisão, jornais ou universidades.

Na rede social *Facebook*, existem grupos públicos criados para que falantes se expressem em hunsriqueano. Um deles é o “Hunsrik Sprooch - Língua Renana”, atualmente renomeado para

6 Para mais informações, consultar <https://www.facebook.com/ProjetoHunsrik>.

7 Para mais informações, consultar <https://www.ufrgs.br/projalma/>.

8 Para mais informações, consultar <http://ipol.org.br/>.

9 “Língua hunsriqueano - Baixo-alemão” (Tradução nossa).

10 Por exemplo, em <https://www.youtube.com/watch?v=9ILGA9dPNZ4&t=83s>.

“Hunsrik Sprooch - Plat Taytx¹¹”, que, embora tenha sido criado com o intuito de ensinar a ortografia desenvolvida por Ursula Wiesemann (2008), aceita as formas de escrita diversas utilizadas pelos falantes. Esse grupo tem cerca de 28 mil membros e os tópicos de publicação são propostos pelos administradores do grupo e pelos participantes em geral. Podemos identificar três línguas que dialogam nas publicações, convivendo em certa harmonia: o hunsriqueano, o português e o alemão padrão.

Na rede social, são publicadas imagens e vídeos do dia a dia dos falantes, muitas vezes relacionadas com o campo, receitas, músicas e piadas. Há imagens relacionadas a datas comemorativas e ensinando elementos ortográficos da escrita do Hunsrik. Esse espaço também é utilizado para pedir auxílio a outros falantes quanto a como se fala ou escreve algo que alguém só lembra em português, como foi com “arco-íris”, por exemplo. Há ainda um participante que realiza semanalmente um programa musical ao vivo no *Facebook* para valorizar a cultura, chamado “Hallo Deutsche”, em que o apresentador interage com o público em hunsriqueano.

Na rede social *Facebook*, há ainda um grupo que se propõe a abordar o hunsriqueano, chamado “Ortografia do Alemão-Hunsrik-discussões”. Ele tem cerca de 260 participantes e se propõe a debater sobre a ortografia mais adequada para o hunsriqueano falado na América. Porém, poucas discussões ocorreram de fato. No final de 2015, houve uma tentativa de divulgar o hunsriqueano e suas escritas na página, com a publicação em PDF das duas propostas de ortografia desenvolvidas para o hunsriqueano e o dicionário online “Dicionário Hunsriqueano Brasileiro - Português”, de Piter Kehoma Boll, porém não houve repercussão no grupo.

Por fim, existe uma comunidade no *Facebook* chamada “Plôs Tum Háide”. Essa comunidade, que traduzida significa “só besteira”, foi curtida por mais de 45 mil usuários da rede social (até outubro de 2020) e se propõe a escrever conforme a fala do hunsriqueano. De acordo com a página, “To hía is em plêtzie vô mal chraibe krótzo vi mia chpreche. Van tu tás fachten tust [...] tan khóm rén¹²”. Percebe-se que a página representa a pronúncia do hunsriqueano se utilizando de sinais de acentuação da língua portuguesa.

Os vídeos e as imagens publicados nessa comunidade do *Facebook*, em geral, são de cunho humorístico. Os temas são cotidianos e da vida familiar, relacionados com a vida e o trabalho na zona rural. Dessa forma, ela, infelizmente, por vezes, exhibe estereótipos e preconceitos em relação aos falantes de hunsriqueano, considerados colonos, já que não mostram a possibilidade de falantes viverem na zona urbana. Em outras situações, pode-se reconhecer piadas do dia a dia ou sobre datas comemorativas.

Comparando o número de participantes dos grupos e da comunidade do *Facebook*, pode-se inferir que os falantes de hunsriqueano, em sua maioria, não estão preocupados ou não consideram relevante a existência de uma norma para a escrita de sua língua. A diferença entre a quantidade de participantes do grupo e da comunidade com objetivo de uso e interação em hunsriqueano - 28 e 45 mil, respectivamente - e do grupo de debate sobre sua escrita - cerca de 260 participantes - é um possível argumento que demonstra o desinteresse dos hunsriqueanos por discutir a ortografia de sua língua materna.

Essas iniciativas de escrita, porém, refletem que uma parte dos cerca de 1.200.000 falantes de hunsriqueano no Brasil reconhecem que sua língua pode ser escrita, identificando funções e possibilidades de uso para ela, o que concederia a ela um *status* diferente.

Considerações Finais

Por meio deste estudo, foi possível identificar diversas ações de uso e de manutenção do hunsriqueano. Essa língua brasileira de imigração, que tem mais de 195 anos, permanece viva através dos usos sociais realizados pelos descendentes dos imigrantes, principalmente através da oralidade, mas também, cada vez ganhando mais espaço, através da escrita.

Há, entre os registros escritos em hunsriqueano, publicações de textos em diferentes suportes, entre eles livro, seção de jornal e internet. A internet, em especial, ampliou as possibilidades de

11 Para mais informações, consultar <https://www.facebook.com/groups/159461464234321>.

12 “Aqui é um local em que se escreve exatamente assim como nós falamos. Se você faz isso... então entre” (Tradução nossa).

comunicação e de uso da língua alemã local, a qual aparece em plataformas digitais, blogs, sites e mídias sociais.

Essas escritas, em sua maioria, são independentes e não seguem parâmetros ortográficos, mas são produzidas no estilo do autor, que, muitas vezes, têm regras do alemão padrão ou da língua portuguesa na sua base. Há, porém, textos publicados que respeitam uma ou outra proposta de sistema de escrita desenvolvida no RS: de Altenhofen et al. (2007) e de Wiesemann (2008).

A promoção da escrita do hunsriqueano vem se difundindo e ganhando adeptos, principalmente devido à ascensão e à popularização das tecnologias digitais. Portanto, é possível reconhecer que o registro escrito, de um modo ou de outro, pode contribuir na visibilidade da língua alemã local e na ampliação das possibilidades de uso pelos falantes de hunsriqueano.

Contudo, essa língua ainda não é uma variedade de prestígio nas comunidades de falantes. Sua escrita não é utilizada para divulgar temas políticos e culturais, conforme Gnerre (1994), embora alguns textos publicados recentemente promovam a divulgação da literatura criada e escrita nessa língua. Dessa maneira, em consonância com Bagno (2017), a escolha de um padrão ortográfico oficial pode ser vantajosa à manutenção e à oficialidade da língua, dando a ela o título de língua cooficial em comunidades de fala de hunsriqueano, podendo, assim, divulgar temas de enfoque mais amplo e formal, como a política.

É importante, porém, em concordância com Haugen (2001), que os falantes aceitem e se identifiquem com essa norma ortográfica, para que assim a adotem e coloquem-na em uso. Só assim ela avançará e cumprirá seu papel na manutenção do hunsriqueano brasileiro, uma língua de imigração com quase dois séculos de história. Em outros estudos, será importante dar destaque às avaliações e percepções dos falantes, afinal, são eles que mantêm a língua viva.

Referências

ALTENHOFEN, C. V. et al. Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. **Contingentia**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 73-87, nov. 2007. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/3867>. Acesso em: 26 out. 2020.

ALTENHOFEN, Cléo V. et al. (Org.) **Hunsrückisch em prosa e verso**: textos do Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017. Porto Alegre: Instituto de Letras: UFRGS, 2018.

ASSMANN, Maria Noêmia; THOMAS, Luiz Carlos. **Colônia alemã**: histórias e fatos = Naie Gechichtcha uf Hunsrik ins Pressiljonisch iwassetzt. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010.

BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FISHMAN, Joshua A. **Sociolinguistics**: a brief introduction. Massachusetts: Newbury House, 1972.

GARCEZ, Pedro de Moraes; VIEGAS, Márcia da Silva. Diversidade linguística e formação de professores indígenas: relato de um diálogo em subsídio à produção de textos autênticos e autorais para a educação escolar indígena guarani. In: ROSADO, Rosa Maris; FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas (Org.). **Presença indígena na cidade**: reflexões, ações e políticas. 1 ed. Porto Alegre, 2013, p. 88-104. Disponível em: http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smdhsu/usu_doc/presencaindigenafevereiro.pdf. Acesso em: 25 out. 2020.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

HABEL, Jussara Maria. Os nomes do Hunsrückisch: aspectos linguísticos e extralinguísticos da denominação de línguas de imigração. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 314-330, ago./dez. 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/859>. Acesso em: 30 out.2020.

HAUGEN, Einar. Dialeto, língua, nação. Tradução de Marcos Bagno. In: BAGNO, Marcos (Org.) **Norma Linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 97-114. Originalmente publicado em 1966.

HILLEBRAND, Ovídio. Wie die Kerich im Tannenwald gebaut gebb is. In: ALTENHOFEN, Cléo V. et al. (Org.). **Hunsrückisch em prosa e verso: textos do Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017**. Porto Alegre: Instituto de Letras: UFRGS, 2018. p. 85-86.

JOHANN, Solange Hamester. **Mayn Liipste Kexichtcher – Minhas historinhas favoritas: literatura infantil, clássicos, contos e fábulas**. Santa Maria do Herval: Martins Livreiro Editora, 2016.

KRUG, Pronila. Rosqui un Honich. **O Diário da Encosta da Serra**. Ivoti, ed. 2831, ano 19, p. 15, 1 nov. 2011.

MAHER, Terezinha Machado. Ecos de resistência: políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil. In: **Política e Políticas Linguísticas**. NICOLAIDES, Cristiane; SILVA, Kleber Aparecido da; TÍLIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf (Org.). Campinas/SP: Pontes, 2013. p. 117-134.

MARINHO, Marildes. Letramento: A criação de um neologismo e a construção de um conceito. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 68-100.

NEUMANN, Gerson Roberto. A tradição escrita do Hunsrückisch e a produção literária. In: ALTENHOFEN, Cléo V. et al. (Org.). **Hunsrückisch em prosa e verso: Textos do I Concursos Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017**. Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, 2018. p. 11-22.

PATRO, Herta Sporket. Lieve Lait. **Diário de Ivoti**. Ivoti, ano 1, n. 40, p. 13, 24 set., 1993.

AGÊNCIA Portal Sinos. **Rota Romântica**. Disponível em: <https://www.rotaromantica.com.br/pt/mapa>. Acesso em 14 nov. 2020.

TERBORG, Roland. **La “ecología de presiones” en el desplazamiento de las lenguas indígenas por el español**. Presentación de un modelo. Forum Qualitative Sozialforschung, [S.l.], v. 7, n. 4, set. 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301541021_La_ecologia_de_presiones_en_el_desplazamiento_de_las_lenguas_indigenas_por_el_espanol_Presentacion_de_un_modelo. Acesso em: 10 nov. 2020.

TERBORG, Roland; GARCÍA LANDA, Laura. **Los retos de la planificación del language em el siglo XXI**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2010.

TERBORG, Roland; GARCÍA LANDA, Laura. **Muerte y vitalidade de las lenguas indígenas y las presiones sobre sus hablantes**. México: UNAM CELE, 2011.

VON MÜHLEN, Fernanda. **Políticas linguísticas relacionadas à(s) escrita(s) e à(s) ortografia(s) do hunsriqueano e as percepções dos falantes**. Dissertação (Mestrado). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2019. 164 f.

Recebido em 14 de novembro de 2020.

Aceito em 09 de março de 2021.